Epistola de Manoel Mendes Fogaça: Dirigida de lisboa a hum amigo da sua terra, em que lhe refere como de repente se fez poeta, e

José Agostinho de Macedo

MUNDO DE LIBROS

vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Epistola de Manoel Mendes Fogaça: Dirigida de lisboa a hum amigo da sua terra, em que lhe refere como de repente se fez poeta, e lhe conta as proezas de hum rafeiro.

José Agostinho de Macedo

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

EPISTOLA

DE

MANOEL MENDES FOGAÇA.

DIRIGIDA DE LISBOA A HUM AMIGO
DA SUA TERRA,
EM QUE LHE REFERE COMO DE REPENTE
SE FEZ POETA, E LHE CONTA AS PROEZAS
DE HUM RAFEIRO.

LISBOA:

Na Impressão de João Nunes Esteves

Anno. 1822.

EPISTOLA.

Por certo, Amigo, que benzer te deves
De me observares subito Poeta!
Em proza de lá vim, e escrevo em verso!
De perfeita saude hum corpo goza,
E he do contagio subito assaltado.
Se entre doentes de malignas vive.

Nunca grassou na Imperial Lisboa
Maior contagião de infindos Vates:
He tinha que se apega, e se propaga,
Como se estende no Levante a peste.
Entro em hum Botequim, são Vates todos;
Eu bebo tãobem ponche, e fico Vate.
Se vou para a Comedia, ouço Elogios,
E quando volto pela rua grito:
=Honra, Patria, Virtude, ó Tejo, ó Douro.
Brilhai na escuridão; que azeite falta.=
Vem n'hum Jornal o invento do Antimonio,
E a maneira subtil de, cães, e burros
Mortos, tornar em branco Espermacete;
Lá vem versos tãobem, taes e quejandos:
"O homem he fungo, e germen de monturo."
Eu li co'os olhos meus esta sentença;
Deos pague ao seu auctor, quem quer que seja,
O completo elogio á raça humana!
Onde todos são Vates sou Poeta:
Tudo novo aqui he, tudo he prodigio:
Eu jà cançado de lidar co'os homens,
De observar sem proveito os seus costumes,
Por hum capricho, que esquecêra a Jacques,
Ando observando a Cafila infinita
De matilhas de cães, que pejão tudo,
A quem Lagarde fez sangrenta guerra:
Pragmatica Sancção de Canicidio
Aqui duplicou, fogirão todos

Do terrivel Caligula pelado,
Depois que as Aguias rapinantes forão
Ás mãos dos fortes Luzos derrabadas,
E a Falange infernal de trapo e fome
Fatiota entrouxou, que não trouxera.
Das ermas grutas dos alpestres montes
Veio surdindo affouta a canzoada,
Que fugira ligeira ao calvo Néro,
Quasi toda esgalgada, e sem cabello,
Consumida da putrida rabuje,
Mas bem depressa em lamaçáes nojentos
E ás nunca, e nunca solitarias portas
D'altas casas de pasto, e consciencia,
A pansa se lhe encheu cresceu-lhe o pelo,
E airada vida se levou nas ruas.
Uivão, retoição, saltão, ladrão, mordem,
E vão correndo atraz, dos que chotêão,
E co' sentido talvez no arenque esguio,
Que em picado lá vai mettido em massa
Dos que hum sò molho tem, guizados muitos;
Progenie illustre d'onde vem meu sangue,
Donde eu sahira involuntaria empada,
De boa creação, gordura, e polpa;
Farto como hum villão, rapaz travesso,
A quem nunca falhou pedrada, e sôcco.
Não me pejo da raça, e se escolhera,
Antes de feito no materno alvergue,
Fôra meu Pai hum rico toucinheiro

De tez purpurea, e dorso acanastrado,
Material, mas honrado, e de palavra,
A quem não regeitasse hum Senhorio
Seguro Abonador d'agoas furtadas,
E que á primeira voz de Patria, e Throno,
Pagasse de contado o Quinto, ou Terço,
Que a hum ladrão Francez não desse hum palmo
De lingoiça, ou de chouriço moiro;
E que prompto com a ripa, ou co' a espingarda
No terreiro ao Domingo apparecesse.
Perdoa, amigo, a digressão de hum Vate,
Que julga que a virtude he só nobreza,
Como o bom Juvenal disse aos Romanos.
De meus versos assumpto, aos Cães eu torno;
Quasi todos conheço pela pinta,
Filosofo Canino, eu ter quizera
O bom Cão de Diogenes profundo.
Mas entre a ímmensa Canicada toda
Hum Rafeiro conheço alambasado,
Ao qual vi succeder grande aventura.
Não he dos Cães vadios, e ociosos,
Nem podengo atrelado, ou perdigueiro,
Que leva c'hum chicote, e fica enchuto,
E aos pés do dono humilde se alaparda.
Entre os Cães he demócrata soberbo;
Vive longe da Corte em arrabalde;
Nunca teve Senhor, trabalha, e vive.
De focinho he sombrio, e lombos largos;

Nunca o rabo metêo por entre as pernas
Encolhido de medo, ou dependencia;
Encha-lhe a pança embora hum burro morto,
Não fáz festa co' rabo á mesa alhêa;
Pede á terra o sustento, e nunca aos homens;
Que he mais brando hu[m] calháo q[ue] hum peito humano
No conceito do Cão, vive comsigo.
Se o monte caça tem trabalha e come,
E nunca quiz colleira no pescoço
Por motrecos de pão, e ossos pellados.
Não sei porque capricho ou fantazia
Estes tempos atraz deixou seu pouso;
Deu-lhe em correr as ruas de Lísboa,
Por onde andára despejado e livre;
Que até ladrou nas barbas de Lagarde,
Afrontando sem medo os ribeirinhos,
As pás, os negros, e a canalha toda,
Executora do fatal Decreto,
Que mandára dar morte aos cães honrados,
Que não querião ter donos estranhos.
Veio pois a Lisboa o grão Rafeiro,
De lés a lés encheo co' o corpo as ruas;
Sempre de orelha fita, e rabo alçado,
Tão senhor do terreno, e tão soberbo,
Como hum Sultão dos Cães, por entre os Gôzos.
Não sei, amigo, se damnado vinha;
Veio ao menos de estomago damnado;
Por aqui, por além, fareja e marcha.

De vêz em quando lhe alvejava o dente
Agudo, lizo, penetrante, e duro;
Que vir parece a morte ali sentada.
Olhando de travez rondava tudo,
E d'olho vivo os Gôzos espreitava.
Qual habil General que, antes que invista
A falange inimiga, a reconhece,
Mede o terreno, e posições escolhe,
E onde acha fraco intrepido accomette;
D'esta arte o Grão Rafeiro espreita, e gira
As ruas todas, e a matilha observa,
Antes que ao grande assalto estenda as unhas,
E os formidaveis dentes arreganhe.
Eu andei atraz delle, que a contados
Passos as ruas passeava ufano:
O intento penetrei, que era dar cabo
De Cães vadios, raça ladradôra.
Elle só na Campanha, elle era tudo,
Era rezerva, exercito, e bagagem;
Tanto fiáva o Cão nos proprios dentes!
Eu lhe vi, e ainda tremo, à vez primeira
Arrufar-se-lhe o rabo, arder-lhe os olhos,
Arrefegar os prominentes beiços,
E mostrar, que terror! toda a dentuça!
Lançando estavão sobre a dura terra
Hum pomposo Edificio alguns Pedreiros:
Erão oras de almoço, e repousavão
Tasquinhando pães quentes com manteiga;

Empadas de Pedreiro assim chamadas;
Em roda delles meneando o rabo
Gôzos, talvez que seus, co' a frente immovel
Estavão muitos na migalha attentos.
Parou não sei porque bravo Rafeiro:
Qual o Brigue Britano quando avista
Hum Corsario Francez que infesta os máres,
Sem dizer =agoa-vai=, ergue as vermelhas
Portinholas fataes, dispara, e vence;
Tal o Rafeiro se arremessa e morde,
E o grão tropel dos Gozos esfarracha.
Huns vão ganindo, sem levar orelhas,
Huns espirão de todo, outros perneião,
De balde a turba dos Pedreiros todos
Vem correndo co' a trolha, e camartello,
Hum co' a regua acodio, e outro co' oprumo,
Vem c' hum coche de cal o Mestre impando.
Hum Servente acodio c' huma alavanca;
Sobre montões de gôzos desmembrados
O Grão Rafeiro está, e espera as Hostes.
Deo hum latido horrissono, e n'hum ponto
Trolhas, Pedreiros, Prumos, Camartellos,
Regoas, Compassos, co' os Diabos forão.
Viva (em torno lhe grita o rapazio)
Viva o grão Cão, flagello dos Pedreiros.
Que peiores que os Cães damnados mordem,
Mamão grandes jornaes, trabalhão nada;
E fazem cazarões sem alicerces

Onde enterrada fica a pobre gente,
Viva o grão Cão triunfador dos Gozos,
Que làdrão sempre, e as gentes inquietão;
Foi este ensaio da primeira guerra.
Sem o passo apressar caminha altivo;
Busca nova aventura, e logo a encontra;
Não lhe louvei a acção, posto que justa.
Deo c'o pobre de hum Cão já cocho, e cégo,
Lazarento, mirrado, horrendo, e feio,
Mas ladrador continuo, e se podia,
Té pelo tacto os dentes empolgava:
Poz-lhe em cima huma pata, e ficou morto,
E á corja canical servio de exemplo.
Qual da triste figura o Paladino
Que da Mancha sahio, e imitão muitos,
Que hia abatendo altissimos Gigantes,
Ou moinhos de vento, ou carneiradas:
Tal o grão Cão marchava em busca d'elles.
Encontra o Cão de hum Grego (que a par delle,
Com o lencínho amarrado na cabeça
Volvia n'alma furtos e mentiras,
Costumado encampar gato por lébre,
E extracto de alfarroba em vez de vinho,)
Co' Grego Cão de fila investe ouzado:
Começa a produzir compridos dentes
(Inutil producção) tortos e padres:
Qual hum menino foi na mão das bruchas,
De huma dentada só ficou deitado,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com